

enfaticando en la veracidad de la sangre, de las laceraciones, localización de los golpes, coágulos, líquidos serosos, zonas hemáticas, contrastado y analizado por forenses y hematólogos que han aportado el grado de conformidad sobre dichas representaciones.

La policromía de la obra ha sido sin duda la fase más laboriosa y de mayor calado si se compara con el resto de la producción de este artista, el rigor científico ha sido la pauta de actuación en la misma, pero no será una constante en sus trabajos futuros, esto ha sido un paréntesis metodológico que no ha de influir en sus obras venideras y que ha sido una respuesta más a los años de estudio que hay sobre el tema.

La comunidad a la que se dirige la obra, puede interpretarla como un escándalo o como una realidad objetiva, ya que se aleja de la dulzura con la que se ha representado esta iconografía a lo largo de la historia, pero sin duda responde con la dureza y crueldad que pueda transmitir un cuerpo sin vida, torturado y clavado en una cruz. ●

Referencias

- Delgado Roig, Juan (2000) *Los signos de la muerte en los crucificados de Sevilla*. Sevilla ISBN 84-8058-119-0
- Miñarro, Juan (2003) *El hombre de la Síndone*, Ronda. Fundación Unicaja.

A metamorfose do passado na recriação de objectos artísticos originais

Helena Santana* & Rosário Santana**

Abstract. The combination of different musical objects, it manifests an essential goal in history. The composer has an important role in artistic manifestations that improves the use of ancestral materials. Through different techniques like the assemblage of different materials, he gives new lectures to the musical material and forms. In this paper we want to show how different techniques and lectures of musical materials give us new forms and artistic objects.

Keywords: composition, conception, new forms, Bach, Cage.

Resumo. A recuperação e combinatoria de elementos musicais heterogéneos revelam-se uma constante ao longo de toda a História da Música. O homem, inspirando-se no inesperado, no imediato, no tradicional, recupera materiais através da colagem e da interpolação de materiais distintos, multiplicando assim os pontos de vista na abordagem e realização da obra de arte. Propondo uma linguagem nova, alarga os universos a que se encontra acolhada. A releitura dos autores do passado à luz de novas técnicas de formalização e estruturação discursiva traz à luz novas formas e novos objectos de arte onde a narrativa se constrói na interação e transformação recíproca entre os objectos nela espelhados. Nesta comunicação pretendemos mostrar como as diferentes técnicas de composição, sobreposição e reutilização de materiais distintos, nos conduzem na obtenção de novas formas e fazeres artísticos.

Palavras-chave: recomposição, reutilização, reafirmação, Bach, Cage.

Introdução

O uso de imaginários conceptivos e frutivos que apelam a novas formas de dizer a arte, e os conteúdos que nela se espelham, permite que elementos provenientes de outras épocas históricas do fazer musical (ou outro), do folclore, bem como o uso de técnicas como a citação e a colagem, se manifestem como gesto ou processo de criação. No entanto, nem todos os compositores e criadores de obra se interessam pelas técnicas de citação ou colagem da mesma maneira. Neste sentido, Berio

* Portugal, compositora. Docteur pela universidade de Paris-Sorbonne (Paris IV); Licenciada em Composição Musical pela Escola Superior de Música, Artes e Espectáculo, Instituto Politécnico do Porto (ESMAE/IPP). Professora no Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro.

** Portugal, compositora. Docteur pela universidade de Paris-Sorbonne (Paris IV); Licenciada em Composição Musical pela ESMAE/IPP. Professora na Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto, Instituto Politécnico da Guarda.

afirma: “não me interesse inteiramente pelas colagens que só me divertem quando brinco com o meu filho: elas tornam-se então um exercício de relativização e “descontextualização” das imagens: ou seja, um exercício de um cinismo salutar que, em última análise, não faz mal nenhum” (Kaltenecker, 1983: 144). A citação, a colagem, a estratificação, a leitura e re-leitura das estruturas discursivas de uma obra torna-se, assim, um exercício de autodeterminação no objecto de arte.

Simultaneamente, a confluência de várias formas de comunicação num objecto onde se interpenetram várias noções coreográficas, musicais e teatrais origina um tipo de colagem e construção de obra caracterizado pelo movimento. A coexistência em palco de diferentes formas de expressão, alarga também os horizontes da criação, conduzindo à produção de numerosos espaços multimédia de que a obra em análise é exemplo.

1. Bach2Cage

Bach2Cage, de co-autoria de diversos criadores portugueses, é um espectáculo multimédia onde confluem diversos domínios do saber. No entender dos seus criadores, “mais do que um espectáculo, Bach2Cage é um processo, um laboratório experimental de cruzamentos de música/artes performativas com multimédia/arte digital.” Desenvolvendo uma constante actualização (as suas diferentes versões), Bach2Cage procura uma interacção não só com o público, como com os seus autores e actores. Cada uma das suas versões é consequência de um processo de procura, de indagação, de conhecimento, de aprendizagem e transformação de todos os que o integram – actores, autores e intérpretes.

Assim, como nos sugere a sua denominação, a obra de dois autores maiores da História da Música – Johann Sebastian Bach e John Cage – revela-se o pretexto para um processo de criação, transformação e recriação constantes. No entanto, não será entendimento dos seus autores a sua re-produção, re-criação, re-interpretação e re-leitura condicionada por um conjunto de procedimentos criativos. A obra e o universo criativo dos dois compositores são revidados, reavaliados e inseridos de uma forma nova no processo de criação. Como exemplo referimos *Tango Perpetuo*, uma alusão ao poema de Cage *Perpetual Tango*, obra que se insere no universo musical de Piazzola, interagindo

igualmente com um conjunto de imagens e acções teatrais que aludem à oposição sistemática de conteúdos, estéticas e ideologias.

A máquina de escrever, recorrente numa das versões do espectáculo, é igualmente uma alusão a John Cage. Representa uma versão de “0’0” uma obra que consiste na realização de uma qualquer acção, desde que, disciplinada. Neste caso, os intervenientes utilizam a máquina de escrever durante a realização da performance musical. A acção permite a escrita, e o uso da sonoridade de um instrumento diferente – a máquina de escrever –, na concepção de um mundo sonoro pleno de significantes. O momento inicial de Bach2Cage alude a “4’33””. Enquanto o público entra na sala e se disponibiliza para o espectáculo, frui-se a obra que se desenvolve autónoma na sala. Os instrumentos e objectos disponíveis em sala são igualmente interpretados em *Living Room*. Nesta obra, qualquer som que provenha “da execução/interpretação” de um objecto da sala, é passível de integrar a obra de arte. O *instrumentarium* não se encontra especificado, estando o acaso e a indeterminação presentes a vários níveis, nomeadamente ao nível da orquestração, da instrumentação, da definição dos materiais base da obra, da sua forma e duração. A integração de qualquer som, e a consideração de qualquer objecto como musical, provém de um universo estético e filosófico cagiano.

O uso de brinquedos para produção de som, nomeadamente do brinquedo musical em forma de piano, encontra-se em peças como *Suite for Toy Piano* e *Music for Amplified Toy Pianos* de 1948, e 1960, respectivamente. O aspecto teatral de tal utilização é querido, e evidenciado, pela performance. A sonoridade própria do objecto encontra-se transformada, e diversificada, pela electrónica. Visualmente, a sua configuração, empregue das mais diversas formas, interage submergindo-se no espaço sonoro e cénico vivificado.

A referência a Bach encontra-se em diversos momentos do espectáculo, nomeadamente em *Bossa bem temperada* onde no *Prelúdio em Dó Maior* de *O Cravo Bem Temperado* são colados e interpolados fragmentos de obras de João Gilberto, Tom Jobim, Caetano Veloso ou Elis Regina. Esta acção não destrói a fluência e mestria técnica, formal e discursiva do seu autor (Johann Sebastian Bach). *Arte do Fado* alude a obras como *Arte da Fuga*, *Oferenda Musical*, *O Cravo Bem Temperado* do mestre alemão e, de um universo sonoro distinto, à música tradicional

portuguesa e, especificamente, ao *Fado Falado*. A sua concepção, baseando-se na colagem, permite a fruição de um universo novo onde se integram os universos sonoros de Bach e da música popular portuguesa, na personagem de uma forma musical bem popular – o Fado Falado. A colagem encontra-se igualmente em *Prelúdio*, onde coabitam o *Prelúdio em si bemol menor de O Cravo Bem Temperado* com as obras *Segunda Construção em Metal* e *Kistorica* de John Cage. A colagem de um universo Bach e de um universo Cage, desenvolve um paradigma novo, uma sonoridade (tr)real, reflectida e inflectida.

O espectáculo finaliza com *Música* onde somos convidados a fruir um rap, uma versão contemporânea e urbana de *An die Musik*:

bate no corpo e o corpo sente... é som ardente... voz e pensamento, razão e sentimento... laço eterno, céu, inferno, infinito, nasço, rodopio... big-bang inicial, apocalipse final, eclipse total, pecado original, por do sol, nascer da lua, água, fogo, terra crua, chuva, blicção, som de rua. É tão estranho o tempo perde o tamanho...

Contribuindo para que o objecto artístico adquira um novo rosto, o projecto em análise evolui numa multiplicidade de formas e conceitos. A diversidade de caminhos propostos, reflecte a diversidade cultural, dimensional e racial de uma sociedade que tenta responder a necessidades que se colocam ao ser humano enquanto criador e fruitor do objecto de arte. Sabendo que o universo musical se estrutura a partir de uma linguagem recorrendo a técnicas e estéticas precisas, a concepção de uma obra, de uma linguagem nova e original, requerem uma lógica e coerência próprias, uma centelha de criatividade e intuição por parte do seu criador. A lógica e a intuição dominam o processo de criação, permitindo a inclusão de novas formas de percepção e criatividade, sendo que, a aplicação das novas tecnologias, e a interacção pessoa máquina, emergem num universo novo em contínua evolução.

Embora o resultado obtido dependa unicamente do fruitor do objecto, dos seus objectivos e da sua interacção com os materiais e suportes tecnológicos propostos, o ser humano desenvolve-se, neste contexto, sempre em novas formas de fruição e concepção artística.

Conclusão

O espectáculo multimédia, expressão de uma vivência, constitui uma forma plural de expressão e comunicação. A procura incessante do belo e de novas formas de expressão conduz o ser humano numa viagem que, muitas vezes, adquire contornos ímpares. A nós, cabe-nos a missão, se assim o entendermos, de entrar nesses mundos, seguir, explorar e investigar sem limitações, deixando-nos invadir por realidades sonoras e artísticas que nos transformam, de forma mais ou menos marcada, depois de imergirmos e emergirmos da obra.

Sabendo que os intervenientes neste processo mantêm relações de interacção que levam à sua influência recíproca, esta determinará a personalidade e a postura do indivíduo face à composição musical, à cultura em geral e a todas as formas de arte, bases da sua formação e desenvolvimento. É ainda de considerar que a música, a criação artística contemporânea e as novas tecnologias da informação e da comunicação levarão o ser humano a confrontar-se consigo próprio, e com o mundo exterior a si, levando-o ainda a autodefinir-se através de uma constante pesquisa das estruturas discursivas e estéticas do objecto de arte. Essa aprendizagem pode tomar como referência vários autores, correntes técnicas e estéticas, com uma aplicação no quadro específico de cada um. A orientação deve ser realizada para que cada um alcance os objectivos propostos individualmente, através da descoberta do som e da sua estrutura, dos instrumentos e tecnologias operantes, sem modelos preexistentes. Funde-se, assim, a descoberta do interior de si, utilizando um objecto exterior, o som e as novas tecnologias da informação e comunicação. Imergindo no mundo contemporâneo, o indivíduo surge metamorfoseado e transformado por estes, agentes de produção, educação e inovação. ●

Referências

- Kaltenecker, M. (1983) *Luizano Bertó, Entrevistas avec Rossana Dalmonde*, Jclantés, Paris.
- Ley, M. (1985) *La mise en scène du conte musical, éveil esthétique et thèmes d'ateliers*, Editions J. M. Fuzeau, Coudray-France.
- Miel, A. (1972) *Criatividade no Ensino*, São Paulo, Brasil.
- Sproccati, S. (1999) *Guia de História da Arte*, Lisboa, Editorial Presença.